

## APRESENTAÇÃO

A pintura que encapa esta nova edição d'A *Palo Seco*, mais do que uma tentativa de representação ao nosso atual sumário, denota um estado de síntese para com a realidade que assolou o mundo neste ano de 2020. *Night in Saint-Cloud*, tela datada de 1890<sup>1</sup>, concentra uma situação de espírito vivenciada pelo expressionista Edvard Munch, naquele exato período e em relação a um contexto de isolamento que também era causado por uma crise na saúde europeia. Melhor contextualizando, desde 1889, Munch encontra-se em Paris, apoiado por uma bolsa do estado norueguês, vendo-se obrigado a sair da cidade, quando, em dezembro daquele ano, estourou um surto de cólera. Seu deslocamento para a comuna de Saint-Cloud imediatamente passa a ser retratado em uma série de obras que trazem ao primeiro plano uma atmosfera de confinamento, com personagens encerrados em interiores de janelas fechadas e opressoras, sendo esta que escolhemos para abrir nossa edição, a primeira tela da referida fase de Munch e a mais representativa junto às intenções deste periódico.

Dar corpo ao 13º volume de nossos escritos, em meio a uma crise mundial de saúde e a uma brutal adaptação de rotinas e interações (com a sociedade, com o conhecimento, com a compreensão de espaço e tempo), coloca-nos em posição especular à que se retrata no centro da pintura de Munch. No personagem que absorve a noite e se torna sombra de si mesmo, somos também provocados – seja pela COVID-19 ou por direcionamentos políticos em vigor que insistem em nos isolar, a nós, que insistimos pela filosofia e pela literatura – a dialogar com uma humanidade contemporânea encavernada, condenada às sombras, mas jamais desistente em suas motivações de continuidade. Se também continuamos nossos trabalhos em meio a tão conturbado cenário, fazemo-lo por convicção de os dias e as noites de 2020 prosseguirem confirmando a necessidade humana da introspecção, do autoquestionamento e de sua autorrepresentação. Muito se tem dito sobre o valor das artes nestes tempos, das estéticas midiáticas subsistindo não apenas como refúgio, mas como ponte ao Outro, renovando valores e usos do pensamento. Em certa medida, não houve no mundo quem não provasse, neste ano, de uma inclinação filosófica, seja pela manutenção de perguntas inesgotáveis, seja pela consciência e o desafio de se reencontrar em meio a rompimentos irreversíveis.

Na duplicação dos espaços que emana em torno desta melancólica figura do pensador, como aparece atualizada em Munch, reencontramos igualmente os nossos propósitos. Assim como a janela parece crucificar o espaço, materializando ecos de uma encruzilhada existencial, o GeFeLit – Grupo de Filosofia e Literatura, também localiza no encontro de dois pensares, o

---

1. Disponível em: <<https://www.munchmuseet.no/en/edvard-munch/>>

filosófico e o literário, uma necessária interseção para continuar ressignificando as possíveis maneiras de ver e se relacionar com o mundo. Com mais de uma década de atividades e uma contínua renovação de seus integrantes, este grupo mantém os impulsos que o fundaram, entendendo que na encruzilhada onde se encontram a Filosofia e a Literatura também se colocam formulações que ajudam, não apenas a enxergar o outro lado (o de fora ou de dentro), mas a tratar espíritos adoecidos, como na emblemática imagem de uma ‘homeopatia da angústia’, receita pelo fenomenólogo Gaston Bachelard, em sua *Poética do Devaneio* (1961).

Ainda que não se trate de uma edição temática, não por acaso, vários dos textos deste volume recorrem aos imaginários da solidão. Por meio de personagens e narrativas, ou mesmo por uma investigação primeva do ato filosófico, este que coloca o ser em diálogo com silêncios que dizem muito, uma espécie de linearidade se erige na conexão dos onze artigos e das duas traduções que dão forma a presente coletânea. No que importa uma enumeração de todas as valiosas contribuições aqui perpetuadas, como dispomos a seguir:

No artigo que abre nossas leituras, **Paulo Junior Batista Lauxen** investiga “A Atitude Filosófica de *Walden*, de Thoreau”, partindo do quadro conceitual de Pierre Hadot para concluir que, em Thoreau, a literatura se faz filosofia, pois a obra *Walden* é ao mesmo tempo um discurso filosófico e um projeto poético que exercita espiritualmente o seu autor a viver melhor e em direção aos outros. O paradoxo entre o isolamento poético de Thoreau e sua abertura para o mundo natural recupera princípios que jamais deveriam se dissociar da *práxis* filosófica, desde a Antiguidade direcionada para a vida prática e a convivência em sociedade. O aprimoramento de espírito trazido pela postura introspectiva revela-se em sua urgência de resgate, respondendo inclusive aos sintomas do mundo pandêmico que inicialmente evocamos e reposicionando a convergência entre Filosofia e Literatura como uma potência do bem viver, do que é ser realmente saudável.

Seguem-se, então, dois artigos que exploram as ressonâncias de palavras originárias, fundadoras, seja no mais tradicionalmente reconhecido contexto grego, onde **Rodrigo Rizerio de Almeida** nos orienta “Para uma Ontologia Poética ou Poética Ontológica: a unidade temporal dos estilos”; como no ainda pouco desbravado, dentro de um diálogo com as filosofias ocidentais, contexto africano, onde **Tiganá Santana Neves Santos** aborda as “Sentenças Proverbiais Africanas: a um só tempo, literatura, filosofia e acontecimento”. Trata-se de dois textos que, cada qual a sua maneira, trazem à tona o caráter filosófico da palavra poética dentro de dimensões ontológicas embasadas em tradições milenares. Como bem lembra o último texto enumerado, não se pretende aqui discussões de ordem ‘etnofilosófica’, mas problematizações em torno de uma expansão dos cânones, compreendendo-se que o pensamento humano transcende fronteiras e demarcações coloniais.

Nesse sentido, os três artigos desta edição que discutem um corpus localizado na literatura brasileira e avançam nas contribuições analíticas de textos literários por meio de perspectivas filosóficas, reconstruindo uma cronologia nacional que transita entre os séculos XIX e

XX, vêm na sequência; todos eles também partilham de um interesse pelo poder instaurador da palavra, capaz de redimensionar costumes e preceitos historicamente entranhados nas estruturas sociais. Os estudos machadianos de **Iasmim Santos Ferreira**, com sua reflexão metapoética “Sobre a Malévola Faculdade: a palavra”, tocam em pontos cruciais para que repensemos nossa responsabilidade diante dos usos da linguagem em meio a agudas transformações nos mecanismos informativos. Por sua vez, **Fernando Pisoni Zanaga**, em “Poder-saber e a Cor: as crônicas de Lima Barreto e os discursos racista-científicos no Brasil do início do século XX”, também denuncia os riscos dos discursos, inclusive filosóficos e/ou literários, quando estes não confrontam a manutenção de intolerâncias e preconceitos que se materializam por meio da palavra. Ambos os textos advogam uma necessária tomada de consciência que bem orienta ao cuidado com a linguagem, ainda mais se considerarmos a atual retomada mundial de perspectivas fascistas e autoritárias. Já, em “O *Habitus* Bíblico de Graciliano Ramos”, **Cosme Rogério Ferreira** desenvolve uma abordagem comparatista à mais expressiva produção romanesca graciliânica, toda ela pautada por uma angustiada solidão que também não se pacifica com as crescentes injustiças do mundo. Os intertextos analisados junto à literatura bíblica na obra de um autor ateu, redirecionam o sumário desta edição aos desdobramentos do isolamento, assim como a busca pela palavra que nos religa ao sagrado.

Em seguida, alinham-se mais três artigos pautados por um corpus que toca às margens do existencialismo fantástico: “O Devaneio Poético em *A casa de Asterion* e *A Escrita de Deus*: reflexões filosóficas na solidão de um cárcere”, em que **Clarissa Loureiro Marinho Barbosa** e **Carlos Eduardo Japiassú de Queiroz** ofertam interpretações fenomenológicas à inesgotável obra borgeana; “Simulacro, Desejo e Ética: aproximações entre Slavoj Žižek e *A invenção de Morel*, de Adolfo Bioy Casares”, em que **Isabela Cim Fabricio de Melo** igualmente redireciona luzes a este marco da literatura latino-americana dentro de um contexto crítico próximo ao psicanalítico; e “A Construção Narrativa em *Abismo*, em *O Lobo da Estepe*”, em que **Geyvson Cardoso Varjão** e **Fernando de Mendonça** propõem uma leitura baseada na técnica da *mise en abyme* e em suas múltiplas variações especulares, diante de um dos mais emblemáticos romances de Hermann Hesse.

Os últimos dois textos da seção de artigos voltam-se para momentos e movimentos do pensamento estético/histórico, reforçando a necessidade de áreas fundamentais às Humanidades, como a Educação e o Direito, também não se afastarem da consciência filosófica. **Christine Arndt de Santana** e **Nívea Maria Dias**, em “Teatro, Filosofia e Educação: o discurso sobre a poesia dramática”, alicerçam os pensamentos na obra poética de Diderot para refletir as possibilidades de alcance junto a uma felicidade coletiva, sábia e virtuosa, que necessariamente demanda exercícios de ordem estética. Também preocupado com as formas de constituição da intelectualidade na vida social, **Jean Felipe de Assis**, em “Hegel e a Ironia Romântica: racionalidade, direito e saber”, desenvolve uma série de considerações aos *Cursos de Estética* hegelianos para identificar como a Filosofia contribui na prática científica, histórica e política de uma sociedade.

A seção bilíngue de traduções que encerra este volume, com duas versões para o português de textos originários de Galeno e Kant, outrora inéditos em nosso idioma, não deixa de também guardar relações com a linearidade lógica que ordena toda a edição. O texto “Que o Melhor Médico é Também Filósofo”, de Cláudio Galeno, com tradução e apresentação de **Rafael Carvalho**, aos moldes de tantas saudáveis exortações filosóficas diluídas em toda a revista, desde aquele primeiro artigo sobre Thoreau, curiosamente, também elogia ‘o desprezo pelas riquezas e o cultivo da moderação’. De outra parte, “Sobre o Fogo”, oriundo da fase pré-críticas de Immanuel Kant, com tradução e apresentação de **Klaus Denecke Rabello**, apesar de apresentar um caráter mais eminentemente científico, não deixa de nos devolver um elemento natural (o fogo) que é miticamente associado à vida humana.

Com o intuito de não deixar a chama apagar, nós d’A *Palo Seco*, concluímos assim mais uma edição que já guardamos como memorável, especialmente diante da época que atravessamos. Somos profundamente gratos a cada colaboração que deu forma a este número, de articulistas a tradutores, de pareceristas a colaborações técnicas em revisão e diagramação. Encerramos o ano de 2020, dedicando este volume à memória de cada pessoa vitimada pela COVID-19, para além de nossos círculos de amigos e parentes, seja junto a cada integrante do grupo GeFeLiT, como a cada leitor(a) da revista. Para que as nossas vidas e as nossas mortes não sejam reduzidas a números, mas que se resgatem em seu valor singular de experiência, nos pensamentos e nas narrativas que nos formam e que nos confirmam seres dotados de subjetividade, desejamos uma excelente e inquietante leitura.

Fernando de Mendonça